NARRATIVAS DE EXPERIÊNCIAS DE PROFESSORES DE APOIO E RECURSO[1]

NARRATIVES OF EXPERIENCE OF TEACHERS AND SUPPORT RESOURCE.

Vânia Rocha de Oliveira[2]

Resumo:

O presente trabalho objetiva conhecer experiências de vida de professoras de apoio e professor de recurso do município de Catalão (GO) a partir do uso de (auto) biografias. A importância de discutir este tema se justifica pelo fato de que a partir das experiências de vida dessas professoras podemos apreciar suas histórias, seus fazeres pedagógicos, suas indagações e suas dificuldades frente à inclusão. A metodologia foi pautada na memória, instrumento essencial no trabalho com Experiências de Vida. Como suporte metodológico, utilizamos entrevistas semi-estruturadas com registro das mesmas através da gravação e análise. O resultado evidencia a importância do professor de apoio e do professor de recursos na escola regular e a necessidade de uma melhor infra-estrutura nas escolas inclusivas e materiais pedagógicos, para se trabalhar com alunos com necessidades especiais. Um dos aspectos relevantes dessa pesquisa refere-se ao fato de como aprendemos a ser professor (a) de alunos especiais.

Palavras-chave: Experiências de vida; professoras de apoio e recurso; inclusão.

Abstract:

This study investigated the experiences of life support teachers and resource teachers, in Catalão (GO) from the use of (auto) biographies. The importance of discussing this topic is justified by the fact that from the life experience of these teachers we assess their experiences, their pedagogical practices, their questions and difficulties facing the inclusion. The methodology was based on memory, essential tool in working with Life Experience. Like methodological support, we used semi-structured interviews with the same register by recording and analysis. The result shows the importance of support teacher and resource teacher in regular schools and the need for better infrastructure in inclusive schools and pedagogical materials for working with students with special needs. An important aspect of this research, refers to the fact that now we learn to be a teacher of special students.

Keywords: Experiences of life; support and resource teachers; Inclusion

---

[1] Este texto é fruto da pesquisa desenvolvida no Curso de Especialização em Educação Especial e Processos Inclusivos – Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, turma 2009, sob orientação do professor Dr. Wolney Honório Filho (whonoriof@gmail.com).

[2] Especialista em Educação Especial e Processos Inclusivos – Universidade Federal de Goiás – Campus Catalão, turma 2009 (vaninhagoias@hotmail.com).

Artigo recebido em junho de 2010; aprovado em agosto de 2010

A experiência vivida e registrada

O tema aqui são experiências de vida de professoras de apoio e de recurso do município de Catalão. O objetivo é promover a retomada do vivido, possibilitando conhecer as imagens instituídas e instituintes dos seus fazeres pedagógicos, compreender a construção dos seus saberes docentes, indagações, através do relato de suas experiências.

Começo o texto relatando sobre a minha experiência de vida enquanto professora do ensino fundamental, especialmente de minha vivência frente ao trabalho de inclusão no ano de 2009. Eu trabalhei com uma turma muito grande, com 36 alunos de 3º ano do ensino fundamental. Desses alunos, um possuía Dislexia; outra aluna apresentava sérios problemas de visão e eu precisava passar as tarefas no caderno de forma ampliada e com canetinha preta, uma vez que a mesma enxergava muito pouco e não acompanhava a turma na aprendizagem, pois possuía também problemas mentais. Havia uma aluna que apresentava sérios problemas de aprendizagem e, outra, que tinha distúrbios mentais. Esta, quando chegou, não possuía sequer coordenação motora e falava pouquíssimo, além da idade avançada em relação aos demais alunos.

Com todas essas dificuldades, comecei a conversar com outros professores que já tiveram a mesma experiência pela qual estava passando. Pedi apoio à professora de recurso que muito me ajudou, uma vez que não existia uma professora de apoio para me auxiliar na sala de aula. Diante de tudo isso, fui procurar ajuda num processo de educação continuada, tentando amenizar as dificuldades de trabalho com essa turma.

Nós, professores, enfrentamos grandes obstáculos quando nos é colocada a responsabilidade de trabalhar com uma turma em que existem alunos com necessidades especiais. Não porque não queremos trabalhar, mas porque não nos sentimos preparados para tal tarefa. Eu não me sentia preparada, e sim frustrada, para desempenhar o trabalho que me foi colocado. A responsabilidade de trabalhar com alunos com necessidades especiais de forma a estar incluindo e não excluindo esse aluno é muito grande. Geralmente, o professor que não tem capacitação, não tem estrutura para atender realmente o aluno com necessidades especiais.

O problema da inclusão de deficientes não é um problema exclusivo da minha pessoa, nem da escola onde trabalho. A inclusão, que vem acontecendo e se efetivando em diversos países, a partir da década de 1950, é um processo social amplo.

De acordo com Sassaki (1997), a inclusão é um processo que exige transformações pequenas e grandes, nos ambientes físicos e na mentalidade de todas as pessoas, inclusive da própria pessoa com necessidades especiais.

Na escola, a inclusão "pressupõe, conceitualmente, que todas, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido um trabalho pedagógico que sirva a todos os alunos indiscriminadamente" (EDLER CARVALHO, 1998, p.170).

Pensar na idéia de educação inclusiva é pensar em uma educação onde todos possam estar participando do processo educativo, é preciso haver adaptações nas estruturas físicas das escolas, incentivos aos professores, programas de formação, materiais pedagógicos suficientes e adequados as necessidades de cada aluno entre outros. Educação inclusiva exige muito mais que belas propostas de ensino.

Segundo Figueiredo,

> A idéia de inclusão é muito mais ampla do que simplesmente inserir no ensino regular a criança com deficiência, pois implica dar outra lógica para a escola, de forma que não seja possível pensar na possibilidade de criança nenhuma estar fora dela (2002, p.67).

Uma dúvida sempre vai surgir ao se falar sobre inclusão: De fato a inclusão é para todos? Às vezes deparamos com situações que ficamos perplexos ao ver certos casos de deficientes que não terão acesso à inclusão no ensino regular. Não porque não existem instituições que o acolherão, mas pelo fato de não terem condições físicas e mentais de freqüentarem uma sala de aula, um clube, uma festa ou uma igreja etc.

Mantoan diz que "ensinar na perspectiva inclusiva, significa ressignificar o papel do professor, da escola, da educação e de práticas pedagógicas que são usuais no contexto excludente do nosso ensino, em todos os níveis" (2003, p.81).

Nossa realidade ainda é cruel, o que vemos são professores tentando de todas as formas se organizarem, dando seus "pulos" para atenderem esses alunos, pois os mesmos não têm ajuda suficiente por parte da escola.

Na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação) está bem claro que todos têm direito à educação, e quando se fala em educação para todos estamos falando de uma educação voltada para atender a todas as pessoas e a cada uma em particular segundo suas particularidades. É preciso considerar as peculiaridades dos alunos associados às estratégias que serão utilizadas.

As experiências das professoras de apoio e de recursos

Para pensar essas dificuldades do professor que trabalha com alunos com necessidades especiais, trabalhei com Narrativas de Vida de Professores de apoio e de recursos, buscando conhecer seus fazeres pedagógicos, suas vivência e indagações frente à inclusão.

Meu foco é de fato o professor de apoio e de recursos. Segundo a Secretaria de Educação do Estado de Goiás o trabalho do professor de apoio em sala representa um passo importante rumo à escola de qualidade para todos. De acordo com o ofício circular nº7/2007 da Coordenação de Ensino Especial, o professor de apoio é o

> profissional que atua de forma integrada ao professor regente em todas as atividades propostas em sala de aula. Deve ser modulado em uma série específica, não devendo atender a outras turmas simultaneamente. Sua função é contribuir para que os alunos com déficits intelectuais tenham acesso aos conhecimentos mediados em cada sala e possam desenvolver as atividades propostas para aquele grupo de alunos.

Nos dados da Secretaria de Educação do Estado de Goiás, o trabalho do professor de recursos é de fundamental importância, uma vez que:

> A função desse profissional é elaborar, produzir e organizar serviços, recursos pedagógicos de acessibilidade e procedimentos metodológicos (estratégias) considerando as necessidades específicas dos alunos acima mencionados, como também estabelecer articulação com os professores titulares da sala de aula comum.

Como vimos, a presença do professor de apoio e de recursos na escola é essencial. Por isso resgatar as experiências de vida desses profissionais é de fundamental importância.

As experiência e histórias de vida dos professores constituíram durante muito tempo como certo paradigma perdido da investigação educacional. Para Nóvoa (1992), as histórias de vida tem sido objeto de muitas críticas originadas de diversos setores. Apesar de todas as críticas, é inegável que as histórias de vida, as memórias, são um fator de conhecimento muito importante no processo ensino/aprendizagem. Permitem utilizar as experiências anteriores, ampliando o conhecimento e favorecendo a informação retida. Segundo Nóvoa, “as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes, fertilizadas pelo cruzamento de várias disciplinas e pelo recurso a uma grande variedade de enquadramentos conceptuais e metodológicos” (1992, p.19).

O professor, enquanto profissional, traz consigo diferentes informações, idéias, atitudes e inquietações durante sua carreira e ao longo de sua caminhada acontecem fatos bons e ruins que marcam suas vidas. Quando se fala em história e experiências de vida, não estamos falando apenas do passado. Vasconcelos nos diz que “retornar à memória alerta que diferentemente do saudosismo, de um projeto gratuito ao passado, esse resgate se faz projeto

de um futuro" (2000, p.11). A história de vida nos permite compreender o que somos, as aprendizagens que construímos ao longo de nossas vidas, das nossas experiências e de um processo de conhecimento e de significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida.

Conhecer história de vida

> Permite refletir a respeito da memória para muito além dos registros efetivos pela historia oficial. Aponta para aquilo que é fabricado, inventado ou transmitido com realidade. Sinaliza também para tudo que é escondido, obscurecido, mascarado e precisa ser recuperado libertado do silêncio, tirado da penumbra (VASCONCELOS, 2000, p. 09).

As histórias de vida e experiências de professores compartilhadas nos permitem outros olhares, dos sujeitos, sobre a vida escolar e problemas profissionais, que apesar de nossas diferenças e divergências se encontram e nos empurram há reflexões similares.

A problematização principal dessa pesquisa se resume em: Como aprendemos a ser professor de alunos portadores de necessidades especiais nos dias de hoje?

O livro Vida de Professores, organizado por Antônio Novóa (1992), serviu de inspiração para a realização deste trabalho, pois nele o estudo das histórias de vida e experiências aparece como ferramenta para identificar como se constroem, no interior da ação educativa, os saberes do cotidiano escolar. Ele trata, sobretudo, de mostrar a importância de ouvir os professores e de incluí-los nos processos de investigação educacional. Segundo Nóvoa (2001), essa profissão precisa de se dizer e de se contar.

Utilizei também outros autores que falam sobre a Inclusão como, MANTOAN (2003), FIGUEIREDO (2002), EDLER CARVALHO (1998), SASSAKI (1997) entre outros. Esses autores são defensores da educação inclusiva e procuram mostrar como fazer para que de fato ocorra a inclusão.

Metodologicamente, fizemos algumas entrevistas semi-estruturadas, buscando recolher experiências vividas por professoras com alunos com necessidades especiais.

O procedimento que seguimos foi: Pré-entrevista para poder explicar o trabalho e marcar a entrevista, seguida da entrevista, que foi gravada com a devida autorização das professoras e depois foi feita a transcrição e a análise dos respectivos dados.

As idades das entrevistadas variam de 22 a 56 anos de idade. Três professoras trabalham na rede estadual de educação e uma professora na rede privada. Vale ressaltar que todas as professoras trabalham no município de Catalão - Goiás.

Ao iniciar as entrevistas procuramos primeiramente conhecer um pouco sobre a vida escolar de cada uma, e todas tinham histórias para contar. São histórias que marcaram a vida

dessas professoras. Algumas histórias eram engraçadas, como a da professora Tereza[3] que segundo ela...

> Houve várias histórias que marcaram minha vida, mais o que mais me marcou foi no meu primeiro ano, estudava com meu pai e meus sete irmãos em uma sala multiseriada. Estudávamos na Zona Rural na Fazenda Barreiro município de Catalão. Fizemos do pré a 4ª série com meu pai sendo o professor, havia um colega meu, na mesma série, 1º ano, ele era muito inteligente. Ele já chegava na sala sabendo ler as lições da cartilha, da antiga cartilha Sodré e eu não conseguia ler, juntava as sílabas com maior dificuldade e ele lia com uma certa desenvoltura. Em casa eu chegava e pedia para minha irmã me ensinar na esperança de aprender rápido, ela me ensinava, ensinava para superar meu colega, mas eu não conseguia igualar a ele. Dei graças a Deus, quando meu pai foi transferido e ele ficou na escola[4].

Percebe-se através da história da professora a idéia de querer superar o próximo, de não querer ficar aquém do colega inteligente, isso demonstra que "ao relatar a singularidade de uma vida, refletem a coletividade social da qual faz parte" (BOLIVAR, 2007, p.13), e essa idéia de querer ser melhor que o outro é uma realidade de nossa sociedade.

Os relatos de histórias de professores que marcaram suas vidas são apontados também como sendo algo muito importante para essas professoras. A professora Patrícia[5] relata que...

> Todos os meus professores marcaram a minha vida de alguma maneira desde a minha professora da alfabetização que até hoje eu chamo de "tia" quando encontro e meus professores do ensino fundamental também e do ensino médio principalmente. Eu tive uma professora de inglês que assim... eu a idolatro até hoje, amo de paixão[6].

Já a professora Tereza diz que...

> O professor que mais marcou foi um de química, ele chegava na sala, pedia que abríssemos o livro na página tal... dava continuidade ou iniciava matéria nova. Ele próprio não levava livro algum e sabia onde havia parado com o conteúdo da aula anterior, sabia de cor todas as fórmulas, e nós alunos com aquela dificuldade então ele pedia que fizéssemos paródias com as tão "dramáticas fórmulas" para que assim pudéssemos gravar. E era muito bom, muito prazeroso, divertido, um aprendizado lúdico, pois a gente fazia a paródia e cantávamos e aprendíamos[7].

Percebe-se a importância desempenhada pelo professor na construção do conhecimento e na vida dos alunos. Gestos, atitudes, formas de ensinar e avaliar, eles podem marcar a vida de um aluno pelo resto de sua vida.

Quanto à escolha pela profissão houve respostas um tanto quanto diferentes umas das outras. Uma professora relatou que a escolha para ser professora foi por uma necessidade,

---

[3] Tereza, nome fictício de uma professora de recurso.
[4] Entrevista com Tereza realizada no dia 12/09/09
[5] Nome fictício de uma professora de apoio
[6] Entrevista com Patrícia realizada no dia 18/11/09
[7] Entrevista com Tereza realizada no dia 12/09/09

pois precisava trabalhar e surgiu o concurso da Educação. Então ela se sentiu obrigada a prestar o concurso para ter um trabalho, mas esse não era seu desejo, enfim, ela foi aprovada e começou a trabalhar e a gostar muito da profissão. Outra professora relatou que sempre quis ser professora, ela nasceu e foi criada em uma família de professoras e que sente realizada por isso. A família aqui aparece como uma referência para a escolha da profissão.

Quanto ao tempo de atuação dessas professoras na educação regular, varia de 17 a 25 anos. Já na educação especial o tempo de atuação varia de 2 a 20 anos.

Considerando que todos têm direito à educação, a escola deve garantir igualdade de condições de acesso ao currículo, prevendo meios e recursos que contribuam para aperfeiçoar o processo de desenvolvimento e aprendizagem de todos. Nessa compreensão, é de fundamental importância o trabalho do professor de recurso e de apoio. A atuação desses profissionais representa um passo importante rumo à escola de qualidade para todos.

Sabendo dessa importância, que o professor de apoio e de recurso desempenha na escola, indaguei às professoras entrevistadas, que por sinal atuam nessa área, qual a função dessas profissionais. A professora Helena que tem um vasto conhecimento nessa área, uma vez que atua aproximadamente há vinte anos na área da educação especial e que tem participado de inúmeros cursos relacionados à inclusão, diz que sua função é dar aos alunos com necessidades especiais um atendimento educacional especializado no contra-turno de aulas desses alunos e dar um suporte aos professores auxiliando os mesmos nas atividades. Segundo a professora o trabalho deve ser realizado com o aluno.

> ... dentro da programação do professor(a) da sala que contempla conteúdos, o que eu vou fazer, vou pegar aquele conteúdo do professor e vou trazer pra realidade do aluno, mas aquele conteúdo. Se o professor esta dando multiplicação eu não vou dar um desenho qualquer pro menino ficar pintando para passar o tempo, absolutamente não, tudo tem seu objetivo, tudo tem sua função, então eu vou estar preparando esse aluno[8].

Tereza também é professora de recurso e, segundo ela, o papel do professor (a) de recursos é primeiramente saber trabalhar com a diferença e a partir daí, orientar o professor em como proceder para atender esses alunos, trabalhar o reforço pedagógico no contra-turno, auxiliar o professor regente quanto à avaliação dos mesmos e de estar sempre inteirando com os pais ou responsáveis a respeito desses alunos.

Quando falamos em inclusão escolar, temos a idéia de que a escola deve acolher todo tipo de aluno. Mas, segundo a Secretaria de Educação do Estado de Goiás (2009), tal acolhida não é representada apenas pela presença de alunos em sala, é preciso que exista uma

[8] Entrevista com Helena, realizada dia 27/11/09

disponibilização de recursos e serviços assegurados a esses alunos, como a presença do professor de apoio, um profissional importante na escola.

A professora de apoio Paula[9] afirma que o papel da professora de apoio é auxiliar os alunos dentro da sala de aula junto com um professor regente, segundo a mesma isso é muito importante, pois eles precisam de muita atenção e dedicação especial.

Patrícia diz:

> eu auxilio a professora regente na condução das atividades e remanejo das condutas das crianças com necessidades especiais, nessa sala só tem uma criança com necessidades especiais, mas a escola ofereceu uma sala alternativa que a gente chama de sala lúdica onde a gente faz o atendimento especializado a outras crianças de outras salas. Esse atendimento deveria ser no contra-turno, uma espécie de plantão, mas a gente acaba fazendo no horário de aula mesmo[10].

Percebe-se aqui, a importância do professor de apoio dentro da sala de aula auxiliando os alunos com necessidades especiais, uma vez que os mesmos precisam de muita atenção e dedicação especial.

Todas as entrevistadas recebem apoio e incentivo da direção da escola para trabalharem com os alunos com necessidades especiais, além de aquisição de materiais pedagógicos dentro das possibilidades das escolas.

Durante a fala das professoras, pude perceber que entre as mesmas, havia diferenças quanto ao aspecto de formação continuada, de cursos referentes à área de atuação, pois uma professora havia feito inúmeros cursos que "até perdeu a conta de tantos cursos". Outra, disse que fez poucos cursos, mas que estava sempre em contato com leituras relacionadas à inclusão. Uma professora estava terminando o curso de especialização em Educação Especial, havia feito uma capacitação para atender sua aluna e disse que sempre está a procura de novos conhecimentos relacionados à educação especial. Mas, o que mais chamou a atenção é o fato de uma professora não ter feito nenhum curso relacionado à sua área de atuação.

Segundo MARTINS e PIRES "é necessário que o professor busque se atualizar e procurar estratégias que possibilitem todos aprenderem" (2008, p.254). Porém, isso não parece estar facilmente ao alcance dos docentes.

Além de ter uma formação, para o trabalho com alunos com necessidades especiais, é preciso ter materiais pedagógicos, didáticos e uma infra-estrutura adequada para atender esses alunos. No caso da professora Helena, que é uma professora de recursos, ela tem uma sala específica para fazer o atendimento com os alunos. A sala é toda equipada com materiais

[9].Nome fictício de uma professora de apoio.
[10] Entrevista com Patrícia, realizada dia 18/09/09

pedagógicos, computador, mesinhas e cadeiras adequadas, TV e vídeo. A realidade da professora Tereza é diferente. Ela também é professora de recursos, mas não possui uma sala especifica para esse atendimento, às vezes atende os alunos na sala dos professores e na biblioteca, porém a escola disponibiliza para a mesma alguns materiais pedagógicos, alguns jogos e quando a sala de computação está livre ela a utiliza para trabalhar com os alunos.

Patrícia que trabalha em uma escola particular, onde a realidade é diferente de uma escola pública, possui uma sala alternativa para além da sala de aula que a mesma chama de sala lúdica onde se realiza atividades pedagógicas, brincadeiras e jogos com as crianças.

As dificuldades encontradas na inclusão também são destaques na fala das professoras:

> Olha são varias as dificuldades, mas para mim a maior dificuldade encontrada diz respeito aos familiares. A maioria não dá a importância devida à questão, acha que é perda de tempo e demonstra isso perante o filho, dificultando assim todo um trabalho realizado [11].
>
> Olha uma coisa que a escola como um todo tem enfrentado é a questão da ignorância, do preconceito, ignorância no sentido de não conhecer, de não saber o que se trata as pessoas não acreditam no nosso trabalho. Eu acho isso assim, além da cobrança social, da família, sabe, essa questão do preconceito é a maior dificuldade que se pode encontrar enfrentar durante o trabalho[12].
>
> As dificuldades que tenho encontrado são a falta de coleguismo por parte de alguns colegas dos alunos e a resistência delas em trabalhar com conteúdos diferenciados [13].

A inclusão é vista com certas resistências por professores, familiares e muitas vezes pelos próprios alunos com necessidades especiais, o que para MARTINS E PIRES é "compreensível uma vez que a história do indivíduo com deficiência é pautada na exclusão" (2008, p.256).

Para MAZZOTA (1996), a interação social destes indivíduos complica-se no momento em que há um consenso social pessimista, fundamentado na idéia de que estes são "incapacitados", "deficientes", "inválidos".

Apesar de todas as dificuldades encontradas pelos professores para se trabalhar com alunos com necessidades especiais, sempre há algo, um fato que marca nossas vidas como pode se observar nas falas das professoras entrevistadas.

> Há um fato que esta marcando minha vida. Durante mais de vinte anos na educação, só agora que estou trabalhando com a inclusão, que venho perceber o quanto o aluno com necessidades especiais tem uma afetividade

[11] Entrevista com Tereza, realizada dia 12/09/09.
[12] Entrevista com Patrícia, realizada dia 18/09/09.
[13] Entrevista com Paula, realizada dia 26/01/2010.

> para com nós professores e a gente não encontra nos demais, é uma maneira de tratar a gente com total confiança, com aquele carinho e amor é muito gratificante[14]

> São várias as situações, por exemplo, no caso da nossa aluna que esta concluindo a alfabetização e nós temos muita dificuldade de trabalhar com ela essa parte especifica da alfabetização que é o letramento, é uma coisa que nós estamos lutando para conseguir. A primeira vez, a primeira letra que ela registrou pra mim foi muito marcante, foi quase no final do ano passado, foi todo um ano passado, foi um ano de trabalho preparatório do jardim II e nós conseguimos que ela registrasse a letra A, e o dia que registrou, desenhou o A foi maravilhoso, foi uma alegria, foi muito marcante mesmo [15].

Nota-se nas falas das professoras, experiências e marcos que acabam se tornando importantíssimo em suas histórias de vida. São fatos que aparentemente parecem irrelevantes, mas não, revelam uma grandeza singular.

A professora Helena nos fala que trabalhar com alunos com necessidades especiais é uma coisa bonita de se fazer.

> ...é uma troca, a beleza que eu falo é essa troca de você para ele e dele para você, a gente aprende muito mais com eles do que ensinam, às vezes eles dão um "banho" na gente, fala coisas pra gente que agente pensa: "Meu Deus onde esse menino tirou isso?[16].

Paulo Freire (1992) nos fala que quem ensina aprende a ensinar e quem aprende ensina ao aprender, assim é importante que o professor esteja disposto a aprender com o aluno, principalmente se o aluno possui uma necessidade especial.

Cada docente tem uma história de vida, uma trajetória profissional, marcos, experiências e sentimentos frente à educação. Em se tratando da educação especial pude notar nas falas das entrevistadas que cada uma possui um sentimento diferente frente à educação especial, são sentimentos de valorização, de esperança que a inclusão ainda vai acontecer de fato e sentimento de muito amor pela educação especial. Helena é apaixonada pelo que faz e segundo ela...

> ...hoje, minha alegria de viver são meus alunos "especiais", hoje eu reajo diante das minhas dificuldades, com os problemas que eu tenho, por causa deles, eu falo "Eu preciso deles e eles precisam de mim", eu não posso fraquejar, então eu vou tocando a vida com muito amor no coração, com muita luz. Quando você é um educador de fato, você não pode ser um profissional somente; a coisa é diferente[17].

---

[14] Entrevista com Tereza, realizada dia 12/09/09
[15] Entrevista com Patrícia, realizada dia 18/11/09
[16] Entrevista com Helena, realizada dia 27/11/09
[17] Entrevista com Helena, realizada dia 27/11/09

Ressalta-se a beleza da profissão, a beleza de trabalhar com a educação especial, a valorização do indivíduo como um ser humano dotado de sentimentos e emoções.

Quando se fala em inclusão, temos que pensar em uma escola que atenda a todos indistintamente e que deve ser repensada em função das demandas e exigências da sociedade. De acordo com as professoras entrevistadas, há muito ainda por mudar em relação à educação especial: as atitudes de muitas pessoas no que diz respeito ao preconceito e à discriminação; a infra-estrutura das escolas; a oferta de materiais pedagógicos, etc.

> Bom em relação à inclusão, eu diria que a inclusão na teoria é um projeto muito bonito e eu acredito até que ele seria viável caso ocorresse mudanças no sistema de ensino, na sociedade como um todo. Então eu acredito que não deve mudar a inclusão, mas mudar todo o resto para a inclusão funcionar, eu acho que é mais difícil ainda querer que isso aconteça mudar alguma coisa, adequar alguma coisa nesse processo[18].

Tomando-se como referência a inclusão, há, certamente, um impacto e urgência na necessidade de transformar a escola "começando por desconstruir práticas segregacionistas, a que implica questionar concepções e valores, abandonar modelos que discriminem pessoas com deficiência ou qualquer aluno" (FIGUEIREDO, 2002, p.68).

Enfim, como aprendemos a ser professor (a) de alunos (as) portadores de necessidades especiais?

> É no dia-a-dia, só se aprende a fazer, fazendo. Para mim cada dia é um novo aprendizado adquirido. Não existe você primeiro aprender para depois ser professor de alunos especiais, é evidente que a sua formação vai te auxiliar e muito, principalmente no que se refere aos procedimentos didáticos. No entanto, é no convívio diário com esses alunos que vamos nos aperfeiçoando, aprendendo. No contato do dia-a-dia que a gente ensina e aprende muito[19].

> Aprendemos a ser professor de alunos especiais através da convivência com os mesmos e, lógico através de estudos para aprimorar nossos conhecimentos [20].

> Muita gente aprende na prática, é no dia-a-dia, no cotidiano, tentativas, erros e acertos. Quando eu iniciei na escola eu tinha tido experiência na graduação com o estágio, mas eu não tinha tido conhecimento, contato com o caso específico de minha aluna que eu tinha que acompanhar, então o que eu fiz, procurei estudar, ler bastante e conhecer o que era, e assim [...] é no dia-a-dia mesmo, que eu e minhas colegas de trabalho e a família dela vão levando e fazendo as coisas acontecerem[21].

> Ninguém se prepara pra casar, ninguém se prepara para ganhar um filho com deficiência, a gente aprende é lidando com a situação, não tem outra forma

[18] Entrevista com Patrícia, realizada dia 18/11/09
[19] Entrevista com Tereza, realizada dia 12/09/09
[20] Entrevista com Paula, realizada dia 26/01/2010
[21] Entrevista com Patrícia, realizada dia 18/11/09

> de você se profissionalizar, de você ser educador de fato, tanto nas dificuldades, nos problemas e desafios é que existe a preparação [22].

Certamente o aprender a ser professor é um exercício constante e sistemático de compartilhamento de idéias, reflexão sobre a prática e os problemas do dia-a-dia.

> assim como qualquer aluno, os professores não aprendem no vazio. Por isso, a proposta de formação parte do "saber fazer" desses profissionais, que já possuem conhecimentos, experiências e práticas pedagógicas ao entrar em contato com a inclusão (MANTOAN, 2003, p.83).

É necessário que o professor busque se atualizar e procure estratégias que possibilitem a todos aprender.

> portanto é muito importante que o processo de inclusão aconteça através de profissionais da educação, que devem ser sensibilizados pelo processo da inclusão e acreditar que essa prática não é um modismo passageiro, mas antes de tudo um direito do cidadão (MARTINS & PIRES, 2008, p.255).

Enfim, nós professores sabemos que devemos ser formados para lidar com todos os tipos de alunos. Mas, o que nós aprendemos na prática, dividindo experiências, muitas vezes torna-se mais valioso.

Considerações

A importância de conhecer as experiências das professoras quanto à inclusão, relaciona–se ao papel a ser desenvolvido favorecendo as inteirações e oferecendo uma educação que valorize a diversidade.

Destacamos aqui o papel do professor quanto ao desenvolvimento de um trabalho que valorize todas as diferenças e que esteja pautado nos objetivos de uma educação que vise a valorização da cidadania.

Nossos estudos aqui não se propõem a resultados definitivos. São reflexões e discussões em relação às experiências das professoras de apoio e recursos do ensino regular no processo de inclusão.

Um ponto a ser destacado nessa pesquisa é em relação à formação dessas professoras diante da proposta de educação inclusiva, enquanto umas estudam bastante, procura conhecer melhor como trabalhar com alunos especiais, outra sequer tem um curso de capacitação.

[22] Entrevista com Helena, realizada dia 27/11/09

Outro aspecto importante a ser considerado é a falta de espaço e materiais disponíveis para se trabalhar com os alunos com necessidades educacionais especiais e a ignorância dos pais, colegas e até mesmo do próprio aluno frente a educação inclusiva.

Observamos que apesar das dificuldades enfrentadas, todas as professoras buscam alternativas, que contribuem para a realização de uma prática inclusiva mais efetiva.

Destacamos também um dos aspectos relevantes da pesquisa, que se refere à maneira que aprendemos a ser professor de alunos especiais, a qual as professoras deixaram claro que é através de estudos para aprimorar o conhecimento e é no dia-a-dia, na prática que se aprende a ser professor, é nas tentativas, nos erros e acertos.

Entendemos que a inclusão vem acontecendo nas escolas do município de Catalão. Sabemos que há muito ainda a ser feito em prol da inclusão e de uma boa educação, uma educação que atenda a todos. Percebemos nos relatos das professoras que, apesar de todos os obstáculos e dificuldades elas estão envolvidas em todo esse processo.

Referências

BOLIVAR, Antônio. O Esforço reflexivo de fazer da vida uma história. *Pátio*, 2007, nº43, p. 13-15.

BRASIL, LDB. Lei 9394/96 – *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional***.** Disponível em < www.planalto.gov.br >. Acesso em: 18/09/2009

EDLER CARVALHO, R. *Temas em Educação Especial.* Rio de Janeiro: WVA. 1998

FIGUEIREDO, Rita Vieira. Políticas de inclusão: escola-gestão da aprendizagem na diversidade. In: ROSA, Dalva E Gonçalves, SOUZA, Vanilton Camilo, Neto, Alfredo Veiga (orgs). *Políticas organizativas e curriculares, educação e formação de professores.* Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como Fazer*? São Paulo: Coleção cotidiano escolar Moderna, 2003.

MARTINS, Lúcia de Araújo Ramos, PIRES, José e PIRES, Gláucia Nascimento da luz. *Políticas e práticas educacionais inclusivas*. São Paulo: Summus, 2006.

MAZZOTA, M. *Educação Especial no Brasil: Histórias e políticas públicas.* São Paulo: Cortez, 1996.

NÓVOA, A. O professor pesquisador e reflexivo. Entrevista a revista *NOVA ESCOLA*, 2001. Ver
Aqui: http://www.tvebrasil.com.br/salto/entrevistas/antonio_novoa.htm, acesso em 12/09/2009.

NÓVOA, Antônio (org). *Vida de professores.* Porto (Portugal): Porto Editora 1992.

SASSAKI, R.K. *Inclusão: Construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

SECRETARIA DA EDUCAÇÂO, Governo do Estado de Goiás. *Orientação sobre a atuação do professor de apoio e recurso.* Ofício circular nº. 029/ Coordenação de Ensino Especial, 2009.

VASCONCELOS, G. A. N. *Puxando um fio: Como me fiz professora.* Rio de Janeiro: G.A.N (Org) Editora DP&A, 2000.